

AFINIDADE

RECORDANDO A PROFESSORA LAURA PIRES

Não tive a oportunidade de partilhar com a Professora Laura Pires, especialista em Estudos Americanos, que uma das minhas autoras favoritas é a norte-americana Lydia Davis. Será a forma despojada, quase frugal como escreve, ou talvez a precisão com que articula ideias e afetos que, na leitura, reconhecemos como sendo também os nossos.

Num *short short*, o seu género de eleição, Davis escreve sobre a afinidade, e este é já o texto completo:

Affinity

We feel an affinity with a certain thinker because we agree with him; or because he shows us what we were already thinking; or because he shows us in a more articulate form what we were already thinking; or because he shows us what we were on the point of thinking; or what we would sooner or later have thought; or what we would have thought much later if we hadn't read it now; or what we would have been likely to think but never would have thought if we hadn't read it now; or what we would have liked to think but never would have thought if we hadn't read it now.¹

Encontrei a Professora Laura Pires em diversas ocasiões, colóquios do CECC e encontros que organizou, outros eventos a que mostrava interesse em assistir. De todos estes encontros guardo a memória de uma pessoa muito presente e de uma gentileza que lhe era natural. Perguntava-me pelo meu trabalho e partilhava a alegria do seu. Percorríamos caminhos paralelos, mas afins. Ela, interessada na cultura de geografia anglo-saxónica. Eu, mais voltada para a cognição e em língua alemã. Ao despedirmo-nos nestas ocasiões, ficava-me sempre a impressão de uma generosa amabilidade.

Houve uma ocasião, porém, em que a sua investigação, mais ampla do que aqui dou conta, me inspirou, como o pensador do texto de Davis, porque nos mostra aquilo em que já pensávamos ou que estamos prestes a pensar. No colóquio *Recontextualizing Science from a Humanistic Perspective*, juntou especialistas das humanidades e das ciências para pensarem em conjunto “formas de ver o mundo”, o tema do projeto que conduziu no CECC sobre teorias epistemológicas.

¹ Lydia Davis. 2009. *The Collected Stories*. New York: Farrar, Straus and Giroux, p. 310.

A aproximação de humanidades e ciências era um tema para o qual vinha ganhando sensibilidade desde que ouvira o historiador da arte Dieter Wuttke proferir uma conferência no colóquio *O Mestre e a Arte. Um Encontro Interdisciplinar*, na Universidade Católica, em Viseu.² Partindo do diagnóstico de divisão entre os dois domínios, já descrita em 1959 por Charles Peirce Snow,³ Wuttke explorava pontos de convergência e a alternativa a uma institucionalização seccionada do conhecimento. Olhando, por exemplo, à arte produzida por algoritmos e à apreciação estética intencional desta causalidade numérica, o autor antecipava temas e questões que hoje dominam os debates sobre inteligência artificial. Wuttke trouxera a Viseu uma ideia que ali se experimentava em forma de metodologia de ensino e que inspirava a nossa atividade científica de então.⁴

Anos mais tarde, na Case Western Reserve University, a oportunidade de ouvir o biólogo E. O. Wilson no mesmo ano em que se celebravam os 150 anos da primeira publicação d'*A Origem das Espécies*, de Darwin, e os 50 anos da edição de *The Two Cultures*, de Snow, fez-me debruçar sobre o conceito de *consilience*, com que Wilson defendia a unidade do conhecimento.⁵ Trabalhando numa área de intersecção entre a linguagem, a literatura e as ciências cognitivas, cuja designação de “poética cognitiva” está longe de ser consensual,⁶ o debate sobre a interdisciplinaridade como resposta a questões complexas que nos ocupam na investigação e na vida continuou a interessar-me.

Em 2013, a Professora Laura Pires coordenou, com Maria Alexandre Bettencourt Pires, a publicação *As Humanidades e as Ciências. Dois Modos de Ver o Mundo*,⁷ resultado de um ciclo de conferências organizado no âmbito do projeto *Epistemological Theories - Ways of*

² Desta conferência, proferida em alemão, resultou a publicação *Para uma visão holística das ciências e das artes* (Viseu: passagem editores e cieq, 2002), um projeto de tradução levado a cabo pelos alunos de língua alemã.

³ Charles Peirce Snow. 2012[1959]. *The Two Cultures*. Cambridge: Cambridge University Press.

⁴ O ensino holístico era a abordagem metodológica que se adotava na fundação da Licenciatura em Medicina Dentária no Pólo de Viseu da Universidade Católica e que as outras áreas de estudo e investigação no *campus* acompanhavam com interesse.

⁵ Edward Osborne Wilson. 2019. *Consilience: The Unity of Knowledge*. New York: Vintage Books.

⁶ Ana Margarida Abrantes. 2022. Poética Cognitiva: Avanços e desafios da abordagem cognitiva à literatura. In: Hanna Batoréo (Coord.) *Linguagem – Cognição – Cultura. Teorias, Aplicações e diálogos com foco na Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, Coleção Ciência e Cultura, <https://doi.org/10.34627/uab.cc.17>, 160-176.

⁷ Maria Laura Bettencourt Pires e Maria Alexandre Bettencourt Pires. 2013. *As Humanidades e as Ciências: dois modos de ver o mundo*. Lisboa: Universidade Católica Editora. [Col. Estudos de Comunicação e Cultura].

Seeing the World, e do colóquio *Recontextualizing Science from a Humanistic Perspective*. Estes foram eventos em que participei com enorme gosto e curiosidade por um tema que me vinha interessando desde que ouvira a palestra de Wuttke.

Dois ensaios, em particular, nesta publicação, despertaram-me grande interesse: *As Mãos na Arte e na Medicina*, de Maria Alexandre Bettencourt Pires, e *As Mãos e os Duplos*, de Gerald Bär. Tomando a mão como objeto de análise e ponto de partida, os textos pareciam complementar-se na abordagem humanista à medicina, num caso, e na investigação científica da arte, no outro. Tal como Maria Alexandre Bettencourt Pires, também eu lera o ensaio de João Lobo Antunes *Sobre a Mão*,⁸ e vira nele mais um exemplo a acrescentar aos que Dieter Wuttke nomeara para aproximar a ciência e as artes. A mão revela-se instrumento primordial da agencialidade humana, pragmática como artística, em muito responsável e potenciadora da evolução cognitiva e cultural única da espécie. A sua configuração é peculiar. O polegar oposto assume particular importância na evolução de um leque de ações. Também o indicador é usado num gesto particularmente humano: o apontar, que indica uma realidade na extensão do dedo, para a qual o sujeito chama a atenção do Outro e que, para Michael Tomasello é uma das especificidades dos humanos como espécie semiótica: “apes can’t point”,⁹ refere o autor, porque estas espécies próximas não parecem saber mostrar a outros um objeto de interesse potencial comum. Pelo contrário, o ser humano aponta desde muito cedo, mesmo antes da linguagem, como forma de partilhar a atenção e a intenção sobre uma realidade de relevância intersubjetiva.

Se em Cleveland este interesse pela mão me acompanhara, levando-me a participar em seminários sobre gestos e linguagem (em particular, gestos espontâneos que acompanham o discurso¹⁰ e que parecem cumprir a função de descarga cognitiva – ‘cognitive offload’), temas distantes do que então trabalhava no doutoramento, também nos momentos de apreciação estética começava a dar mais atenção à mão. Seguiu-a atentamente na *performance* dos instrumentistas em concerto, olhava com mais atenção para as mãos na pintura ou na escultura. Como seria o *Pensador* de Rodin ou a *Melancolia* de Dürer sem a mão em que a cabeça se apoia? E não seria menos angustiante *O Grito* de Munch sem as mãos que envolvem

⁸ João Lobo Antunes. 2005. *Sobre a Mão e Outros Ensaios*. Lisboa: Gradiva.

⁹ Michael Tomasello. 2006. Why don't apes point? In: N. J. Enfield & S. C. Levinson (Eds.), *Roots of Human Sociality: Culture, cognition and interaction*. Oxford & New York: Berg, pp.506-524.

¹⁰ No laboratório de gestos coordenado por Fay Parrill, tomei contacto com os trabalhos de Susan Goldin Meadow e David McNeill.

o rosto? A mão afigurava-se-me como objeto de estudo ideal para uma convocação de ciências e artes, como instrumento de ação ou como protagonista da expressão pragmática, afetiva ou estética.

Na palestra *As Mãos na Arte e na Medicina*, bem como no ensaio do volume que a seguiu, reencontrei muitas destas perspetivas sobre a mão e o gesto. A complementá-la, o texto de Gerald Bär acrescentava outro ângulo: o motivo do duplo na literatura e no cinema e a imagem das mãos com “instrumento divino que opera em pares”. A simetria anatómica revelada nesta formulação é sugestiva da bilateralidade do corpo humano, indiciadora da lateralização do cérebro e da complementaridade expressiva dos gestos a duas mãos.

Sem saber, a Professora Laura Pires criara com a conferência e depois com a publicação que dela resultou, uma ocasião de reencontro com o tema, que me era caro, da confluência de ciência e artes na busca de conhecimento. Também o tema da mão, um interesse vago que tinha e que reencontrei no colóquio e na publicação, continuou a interessar-me, levando-me a descobrir o ensaio filosófico de Raymond Tallis sobre a mão,¹¹ a voltar com gosto à coletânea *These Hands*, de Per Aage Brandt¹² ou, mais recentemente, a enquadrá-lo na proposta de Marco Caracciolo e Karin Kukkonen para um estudo da narrativa à luz da cognição corporealizada.¹³

Desta afinidade de interesses e de pensamento, creio ter dado conta à Professora Laura Pires nos momentos em que nos cruzámos. Este texto é apenas mais uma ocasião de recordar, de lembrar a afinidade e de expressar gratidão pelo encontro com a pessoa e com a obra que, como mão amiga, continua a apontar um caminho.

Lisboa, 8 de novembro de 2022

Ana Margarida Abrantes
Faculdade de Ciências Humanas
Universidade Católica Portuguesa

¹¹ Raymond Tallis. 2013. *The Hand. A Philosophical Enquiry into Human Being*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

¹² Per Aage Brandt. 2011. *These Hands*. New York: Host [translated by Thom Satterlee].

¹³ Marco Caracciolo e Karin Kukkonen. 2021. *With Bodies. Narrative Theory and Embodied Cognition*. Columbus: The Ohio State University Press.